

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS – CCET
DEPARTAMENTO DE DESENHO E TECNOLOGIA
CURSO DE DESIGN

MARIA KAROLINE NUNES DE ANDRADE

**BIQUÍNI PARA MULHERES SURFISTAS: UMA PROPOSTA DE
PRODUTO PARA MULHERES QUE PRATICAM SURF POR LAZER**

São Luís
2019

MARIA KAROLINE NUNES DE ANDRADE

**BIQUÍNI PARA MULHERES SURFISTAS: UMA PROPOSTA DE PRODUTO PARA
MULHERES QUE PRATICAM SURF POR LAZER**

Monografia apresentada para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Design da Universidade Federal do Maranhão, para análise e aprovação junto ao colegiado do curso.

Orientadora:

Profa. Lívia Flávia de Albuquerque Campos

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Nunes de Andrade, Maria Karoline.

BIQUÍNI PARA MULHERES SURFISTAS : UMA PROPOSTA DE
PRODUTO PARA MULHERES QUE PRATICAM SURF POR LAZER / Maria
Karoline Nunes de Andrade. - 2019.

68 f.

Orientador(a): Livia Flávia Albuquerque Campos. Monografia (Graduação) -
Curso de Design, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís- MA, 2019.

1. Biquíni. 2. Lazer. 3. Mulher. 4. Surf. I.
Albuquerque Campos, Livia Flávia. II. Título.

**BIQUÍNI PARA MULHERES SURFISTAS: UMA PROPOSTA DE
PRODUTO PARA MULHERES QUE PRATICAM SURF POR LAZER**

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Livia Flávia de Albuquerque Campos (Orientadora)

Profa. Me Andréa Katiane Ferreira Costa

Profa. Me. Gisele Reis Corrêa Saraiva

Dedico à minha mãe e ao meu padrasto; eles foram fundamentais nessa trajetória, desde a minha decisão em ingressar no curso até o momento de construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Bíblia diz em 1Ts 5.18, que devemos ser gratos em todas as ocasiões, porque essa é a vontade de Deus, pois a gratidão é uma forma de louvá-lo. A gratidão também é um estado de espírito que nos leva a reconhecer aquilo que alguém fez por nós em algum momento da vida. Por isso, devo admitir e ser grata, principalmente a Deus, porque sei que Ele está presente em cada detalhe dos momentos da minha trajetória, dos anos que aqui vivi, pois, cercou-me de cuidado e amor, através das pessoas que colocou em meu caminho e que certamente sem elas, eu não teria chegado até aqui. Cada uma delas contribuiu de uma forma diferente, mas, não menos importante, porque foi o conjunto da obra que tornou este momento possível. Portanto, agora chegou o tão esperado momento de valorizar as bênçãos e agradecer, primeiramente a Deus, porque sei que Ele não vive longe lá no céu, sem se importar comigo;

Ao meu pai, que não mediu esforços apoiando-me financeiramente para que eu pudesse me dedicar inteiramente à vida acadêmica;

À minha mãe, que se faz presente em cada momento da minha vida, sendo suporte em toda e qualquer situação;

Ao meu querido padrasto, que sempre se colocou a minha disposição e tem sido um grande amigo, um apoio na vida acadêmica;

À minha linda e talentosa avó, Maria, de quem herdei o nome e o talento para o que se tornou a minha profissão;

Não posso deixar de ser grata também àqueles que mesmo distantes se fizeram presentes, por isso, eu quero agradecer ao meu irmão David, pois, suas palavras sempre me trouxeram conforto quando precisei dividir com ele um momento difícil. Isso se estende também, a Nicole, a quem eu considero uma confidente irmã. E em se tratando de termos geográficos, preciso agradecer àqueles que de bem perto me acompanharam nessa trajetória e que foram extremamente importantes;

No topo dessa lista, não posso deixar de mencionar e expressar o meu imenso carinho e gratidão, a este casal especial, tia Kezia e tio Abraão que estiveram bem perto quando precisei ou chamei por socorro, além de me incluírem como parte da sua família;

E o que dizer dos meus amigos e amigas que atravessaram comigo estes quase cinco anos, e que foram de suma importância, pois juntos, aprendemos, lutamos e sofremos na busca do nosso objetivo hoje alcançado. Minha gratidão a cada um deles. Ao meu amigo e irmão protetor André, por sempre estar disposto a me ajudar, a minha amiga Laís por sempre ter uma palavra de apoio e a minha amiga Camila por estar vinte quatro horas ao meu lado. Amizades que levarei pra sempre na memória, pois juntos, vivemos grandes emoções;

E, finalmente, mas não menos importante, a aqueles que conheci nesta minha caminhada e que somaram para que eu me tornasse uma pessoa melhor. Minha sincera gratidão. Meus vizinhos, Joelda, Mara e Felipe, que nunca esquecem de mim e deixam meus dias mais leves. Ao Lauro por sempre estar disposto a me ouvir e aconselhar, a Karla por seu modo positivo de ver a vida, afirmando sempre que vai dar tudo certo, pois tudo é uma questão de tempo; ao Paulo Rogério meu amigo irmão, que se preocupa em elevar minha autoestima com sua alegria constante, enchendo-me de risos, ao Ferdinan, o amigo sensato que me faz olhar os problemas de um ângulo diferente. Dona Antônia Batista por ser minha amiga e se preocupar comigo demonstrando seu carinho e amor por mim com suas comidas maravilhosas da cafeteria, recheadas de bons conselhos para a vida. A Larisse, amiga que conheci no surf, minha sincera gratidão, por ter acreditado em mim e nesta pesquisa, apresentando-me a outras surfistas e tornando possível esse trabalho. A Juliana que me motivou a surfar desde 2016 e mostrou-me a magia desse maravilhoso esporte ligado a Deus e à natureza, e que agora faz parte da minha vida nos momentos de lazer.

ANDRADE, Maria Karoline Nunes de. Biquíni para mulheres surfistas: uma proposta de produto para mulheres que praticam surf por lazer. Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (Graduação em Design), 2019.

RESUMO

Propõe desenvolvimento de um produto voltado às mulheres que praticam surf por lazer, a fim de atender às necessidades funcionais e estéticas para a realização da prática esportiva. Estuda o universo do surf para mulheres, com objetivo de diagnosticar problemas quanto ao uso do produto. Cria e configura propostas que atendam as necessidades do projeto. Desenvolve e valida uma proposta de biquíni dentro das prioridades ergonômicas de segurança para mulheres que praticam surf por lazer, a partir de pesquisa realizada com mulheres surfistas em São Luis (MA).

Palavras-chave: Surf. Biquíni. Mulheres surfistas. Surf por lazer.

ANDRADE, Maria Karoline Nunes de. Bikini for women Surfers: a product proposal for women who practice surfing for leisure. Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (Graduation in Design), 2019.

ABSTRACT

It proposes the development of a product aimed at women who surf for leisure, in order to meet the functional and aesthetic needs for the practice of sports. It studies the universe of surfing for women, in order to diagnose problems regarding the use of the product. It Create and configure proposals that meet project needs. It develops and validates a bikini proposal within the ergonomic priorities of safety for women who surf for leisure, based on research conducted with women surfers in São Luis (MA).

Key words: Surf. Bikini. Women Surfers. Surf for leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pioneiro traje de banho	22
Figura 2 – Diminuição das roupas de banho	23
Figura 3 – Tomara-que-caia	23
Figura 4 – AnneteKellermann.....	24
Figura 5 – Maiô, modelo de 1920	25
Figura 6 – Maiô, modelo de 1930	25
Figura 7 – Maiô de duas peças, em 1949	26
Figura 8 – Praia de Copacabana, 1950	27
Figura 9 – A dançarina Michelini Bernardini	28
Figura 10 – Miriam Etz, imigrante alemã	29
Figura 11 – Brigitte Bardot, no filme E Deus criou a mulher	29
Figura 12 – Ursula Andrews, no filme 007 contra o satânico Dr. No	30
Figura 13 – Maiô engana-mamãe	31
Figura 14 – A modelo Rose de Primo, usando tanga	32
Figura 15 – Modelo asa-delta	33
Figura 16 – Mulheres usando fio-dental	33
Figura 17 – Sunquíni	34
Figura 18 – Biquíni e moda praia (1)	35
Figura 19 – Biquíni e moda praia (2)	35
Figura 20 – Biquíni e moda praia (3)	35
Figura 21 – Surfistas na praia de São Luís	42
Figura 22 – Surfista de biquíni na praia de São Luís (1)	42
Figura 23 – Surfista de biquíni na praia de São Luís (2)	43
Figura 24 – Surfista de biquíni na praia de São Luís (3)	43
Figura 25 – Modelo de criação	51
Figura 26 – Figura ilustrativa	53
Figura 27 – Tecido poliamida e elastano	56
Figura 28 – Fita métrica	57
Figura 29 – Tesoura	57
Figura 30 – Linha de costura	57
Figura 31 – Elástico	58
Figura 32 – Máquina de costura Reta	58

Figura 33 – Máquina de costura Overlok	59
Figura 34 – Fabricação do biquíni (parte 1)	59
Figura 35 –Fabricação do biquíni (parte 2)	60
Figura 36 –Fabricação do biquíni (parte 3)	60
Figura 37 –Fabricação do biquíni (parte 4)	60
Figura 38 –Fabricação do biquíni (parte 5)	61
Figura 39 –Surfista com a nova proposta de biquíni (frente)	62
Figura 40 –Surfista com a nova proposta de biquíni (costa)	63
Figura 41 –Experimentação do biquíni na praia	63
Figura 42 –Experimentação do biquíni em alto mar	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Medidas de busto e de cintura.....	38
Tabela 2: O processo de design de B. Lobach.....	40
Tabela 3: Biquínis da entrevista de mercado.....	47
Tabela 4: Biquínis similares.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais sobre incômodo do biquíni	44
Gráfico 2: Percentuais sobre desempenho do biquíni	44
Gráfico 3: Percentuais sobre a preferência do biquíni	45
Gráfico 4: Percentuais sobre a procura de biquíni	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 Geral	15
2.2 Específicos	15
3 JUSTIFICATIVA	15
4REFERENCIAL TEÓRICO	16
4.1 Os esportes radicais	16
4.2 O surgimento do surf	16
4.3 O surf como esporte radical	17
4.4 A introdução do surf no Brasil	18
4.5 A prática do surf por mulheres	19
4.6 Mulheres e a prática do surf por lazer	20
4.7De sol e mar: a história dos trajes de banho femininos	21
4.8Biquíni: a miniatura que revolucionou a moda praia	27
4.9Moda e ergonomia	36
4.10 Padronização e NBR	38
5 METODOLOGIA	39
5.1 Fase de preparação	40
5.2 Fase de geração de ideias	41
5.3 Fase de avaliação	41
5.4 Fase de materialização	41
5.5 Fase de realização	41
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	42
6.1 Preparação	42
6.2 Formulário e resultado da pesquisa	44
6.3 Análise de Mercado	47
6.4 Similares	50
6.5 Geração	51
6.6 Briefing	52
6.7 Conceito	52
7 GERAÇÃO DE IDEIAS	53
7.1 Avaliação	55
7.2 Ideia escolhida	55

7.3 Desenho técnico	56
8 MATERIALIZAÇÃO	56
8.1 Fabricação	59
9 REALIZAÇÃO.....	61
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	69

1 INTRODUÇÃO

No mundo esportivo constata-se uma variedade de modalidades, cada uma delas com sua peculiaridade e para os mais diferentes gostos. Na sua maioria, praticadas profissionalmente, embora muitos dos seus adeptos sejam daqueles que a buscam com a finalidade de manter a forma física, ou simplesmente por lazer.

Nesse caso, o surf é uma modalidade esportiva que atrai inúmeros praticantes e simpatizantes, por se tratar não apenas de um esporte, mas de um estilo de vida que tem levado gerações a se moldarem, criando uma cultura que envolve práticas saudáveis de alimentação, vida mais simples, vestimentas leves e despojadas e um linguajar próprio.

Assim, os surfistas formam um grupo social distinto, tipificado pela moderna sociologia como “tribo urbana”. Gutemberg (1989, p. 7) designou esse tipo social como sendo uma “estranha confraria que reúne homens e mulheres, jovens e velhos em países dos cinco continentes, possui um sentimento exclusivo, muitas vezes egocêntrico. [...] Criaturas da terra que vivem conectadas com o mar [...]”.

Durante muitos anos, os surfistas foram vistos como pessoas relapsas, que não se preocupavam com o futuro, ou até mesmo associados a usuários de drogas, e sem qualquer responsabilidade, um comportamento que, nos dias de hoje, precisa ser analisado dentro do contexto de vivência dessas pessoas a fim de que se evite qualquer forma de preconceito.

Quanto à ala feminina, a literatura mostra pouquíssima participação nas primeiras décadas do desenvolvimento do surf, tanto em outros contextos quanto no Brasil, que se tornaria um dos mercados mais promissores diante da grande aceitação dessa prática esportiva, facilitada, entre outros fatores, por uma vastíssima costa num país de dimensões continentais.

A mudança nessa realidade quanto à presença da mulher no surf já tem sido descrita por vários autores e autoras, entre os quais, Jorge Dorfman Knijnik e Livia Oliveira Cruz (2004), em seu relevante trabalho focando as mulheres surfistas e a questão da transição de identidades. Nessa pesquisa, o autor e a autora destacam que nos anos iniciais do novo milênio a grande mídia já tratava da questão da presença feminina no surf, relatando o interesse da Revista Veja, de 2003, que “publicou matéria sobre o assunto, na qual dizia que cenas de garotas carregando pranchas de baixo do braço não são mais consideradas exóticas” (KNIJNIK; CRUZ, 2004, p. 5).

Os mesmos autores recordam que no ano seguinte dessa publicação da Veja, 2004, a Folha de São Paulo, em seu suplemento Teen, tratou do tema ‘surfe de biquíni’, descrevendo

acerca de “meninas que ‘vão invadir a sua praia’ – ‘chega de banho de sol na areia’”. Tudo isso indicava que os anos estavam se tornando propícios para que cada vez mais a ala feminina subisse em pranchas para se aventurar no mar.

Todavia, nesse mercado que se descortina com a prática do surf entre as mulheres, percebe-se um mesmo problema no tocante as marcas especializadas no segmento da moda praia, em que ainda não foram encontradas as soluções satisfatórias para a prática do surf em alto mar, ao mesmo tempo seguro e confortável para as mulheres: um produto que permita às praticantes do surf segurança e conforto ao se aventurarem nas ondas para essa modalidade de lazer.

Esta pesquisa considera esses aspectos da conquista do espaço da mulher, seja como surfista ou como simpatizante da prática do surf, propondo a confecção de um biquíni para mulheres surfistas, diante desse novo cenário de conquista da ala feminina.

Na parte destinada à fundamentação teórica serão demonstrados os antecedentes históricos do surf, destacando-se suas origens, seu lugar como esporte radical e como modalidade de competição, e, enfim, essa prática como lazer. Nesse contexto, destaca-se também a sutil participação das mulheres nos primórdios, mas conquistando seu lugar no mundo do surf nos anos finais do século XX, tanto como esporte de competição quanto prática de lazer.

Destaca-se também a moda como pano de fundo da confecção do produto proposto neste trabalho, trazendo à luz a questão voltada para a história do biquíni e sua inserção na vida das mulheres, no quadro da evolução dos trajes de banho femininos e da moda praia, para, enfim, tratar-se da questão que envolve a moda e a ergonomia.

Aí serão apresentadas as etapas para confecção do produto proposto, um biquíni para mulheres que praticam surf por lazer que traga conforto e segurança, dentro dos padrões ergométricos, e também demonstrados os procedimentos utilizados tanto para a pesquisa com as praticantes do surf quanto as etapas e os materiais usados na confecção e na apresentação do produto final.

Para o fim proposto, usou-se a metodologia de Bernd Lobach, que divide o processo de Design em quatro fases: a preparação, baseada na coleta das informações, a geração de ideias, baseada nas análises realizadas, o exame e seleção das alternativas, visando encontrar a mais adequada, e, por fim, a materialização da alternativa escolhida, em vista do desenho técnico e do protótipo de produção.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Propor o desenvolvimento de um produto voltado às mulheres que praticam surf por lazer em São Luís (MA) a fim de atender às necessidades funcionais e estéticas para a realização da prática esportiva.

2.2 Específicos

- 1) Estudar o universo do surf para mulheres com objetivo de diagnosticar problemas quanto ao uso do produto;
- 2) Criar e configurar propostas que atendam as necessidades do projeto;
- 3) Desenvolver e validar uma proposta de biquíni que ofereça segurança para mulheres que praticam surf por lazer.

3 JUSTIFICATIVA

Considerando-se o mercado em expansão no Brasil, voltado à prática do surf, em que se confirma a existência de milhões de praticantes, eface ao segmento que responde por grande parcela da produção têxtil em conjunto com a moda urbana (streetwear) e a moda praia (beachwear), nota-se um espaço para novas tendências, alcançando a ala feminina, oportunizando um mercado que se estende para o desenvolvimento de um biquíni que ofereça segurança para mulheres que praticam surf por lazer, a fim de atender às necessidades funcionais e estéticas para a realização dessa prática esportiva.

Por meio de leituras selecionadas de um crescente acervo de obras bibliográficas buscou-se a ampliação do conhecimento acerca do assunto, que culminasse tanto na confecção do produto em questão como na importância da pesquisa para os meios acadêmicos, diante de um mercado promissor no cenário econômico em expansão, e que promova novos estudos sobre o tema em questão.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Os esportes radicais

Nas duas últimas décadas do século XX várias modalidades esportivas de lazer ganharam notoriedade na grande mídia, sendo chamadas de esportes radicais, ou esportes de natureza. Muitas dessas práticas que se tornaram populares, como skydiving, paintball, alpinismo, paraquedismo, montanhismo, bungee jumping, entre outras, são categorizadas como esportes radicais por apresentarem mais riscos aos praticantes do que os desportos em geral, além de “oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer, em função de suas características que promovem, inclusive, a ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida” (TEIXEIRA, 2005, p. 21).

A expansão dessas atividades tem sido motivada por vários fatores, sendo um deles um maior desejo de aproximação com o meio natural. Mas, não se pode duvidar que essas práticas sejam associadas, também, ao desejo humano de superação dos seus próprios limites. A prática do surf, por lazer ou por competição, se enquadra muito bem dentro desse contexto.

4.2 Surgimento do surf

Nos dias atuais, a grande mídia tem dado destaque às competições de surf bem como às celebridades produzidas por essa modalidade esportiva. Mas nem sempre foi assim. O surf tem sua própria história, desde as primeiras experiências daqueles que se aventuraram nas ondas, até o seu reconhecimento social como prática de um esporte associado à natureza, sendo a praia o lugar por excelência do encontro dos surfistas e dos simpatizantes dessa modalidade esportiva em franca expansão.

A origem do surf é muito antiga, podendo-se retroceder a centenas de anos, embora com outros propósitos ou sem a tecnologia atualmente empregada para sua prática. Mas é possível deduzir que sua origem esteja associada à necessidade de deslocamento e trabalho no mar sobre tábuas de madeira, num contexto de subsistência de pesca, uma prática posteriormente transformada em lazer e, finalmente, em competição esportiva.

Embora de origem controversa, é possível indicar entre os povos polinésios a origem da atividade que seria posteriormente associada com a prática do surf. Mas não se pode precisar o nome de um inventor para essa arte. Nesse sentido, Ana Maria Alves de Sousa tem razão ao declarar:

As datas, lugares e nomes de pessoas que difundiram a prática variam conforme as publicações, havendo, no entanto, alguns pontos em comum, sempre acrescentados das

histórias de proezas de quem conta e que muitas vezes reclama para si o pioneirismo de alguma forma, seja por ter sido o primeiro a surfar em algum lugar, seja porque criou alguma manobra inédita (SOUSA, 2003, p. 102).

Todavia, como atividade de lazer, sua descoberta é atribuída ao Capitão da Marinha Britânica, James Cook que, ao aportar no arquipélago do Havaí, em 1778, documentou em seu diário essa prática dos indígenas havaianos.

Essa atividade recreativa dos havaianos entraria em declínio durante muitos anos. A presença dos colonizadores no arquipélago influenciou diretamente nas práticas culturais dos nativos, principalmente, com a chegada, no século XIX, dos missionários protestantes europeus. Conforme descreve Sousa (2003, p. 102-103), “na primeira metade do século XIX missionários protestantes chegam às ilhas e procuram interditar a prática do surf alegando ser um divertimento imoral e dando início a imagem do surfista como um rebelde”.

Assim, à semelhança do que ocorreu em outros contextos do território americano, a colonização fez desaparecer muitas práticas da cultura indígena, sendo uma delas o surf no Havaí, considerada uma prática ofensiva aos tabus religiosos dos missionários protestantes.

4.3 O surf como esporte radical

Durante muitos anos o surf deixou de ser praticado no seu ambiente nascedouro. Somente no início do século XX ele seria restaurado no arquipélago havaiano, por iniciativa de três personagens: o surfista de descendência irlandesa George Freeth, o aventureiro e escritor americano Jack London, além de Alexandre Ford, que organizou um clube de surf e canoagem nas ilhas havaianas.

Mas a história do renascimento do surf seria incompleta sem o destaque a Duke Paoa Kahanamoku, o nadador havaiano que quebrou dois recordes olímpicos, conquistando três medalhas de ouro e duas de prata em quatro olimpíadas. As conquistas desse atleta olímpico foram de fundamental importância no desenvolvimento do surf na América. “Acompanhado de seus amigos, Duke surfou na Austrália e na Califórnia, impulsionando a prática do esporte e o início dos campeonatos na costa leste dos EUA nos anos 20” (SOUSA, 2003, p. 103). Com justiça, se atribui a Duke o título de “pai do surf”.

Observa-se— a exemplo de outras modalidades esportivas — o surf também passou por diversas transformações ao longo de sua história em busca de espaço social. Essas mudanças foram influenciadas por diversos fatores, dos quais a contribuição científica no campo da hidrodinâmica e da engenharia são os principais, afetando diretamente a

compreensão dos seus praticantes quanto às questões da natureza e na confecção dos modelos atuais de pranchas, feitos de espuma de poliuretano recobertos de fibra de resina acrílica, que as deixa muito mais leves para a prática do surf.

A história do surf denota que essa arte, desde seus primórdios, tem sido “marcada pela busca constante de liberdade e de desafio à natureza” (KNIJNIK & CRUZ, 2004, p. 8). Logo, não é difícil admitir sua classificação na categoria de esporte radical.

4.4A introdução do surf no Brasil

Após cerca de três décadas de sua reinvenção, o surf chegaria, finalmente, ao Brasil no fim da década de 1930. A literatura é controversa, mas pode-se afirmar que tais origens estejam associadas a três surfistas: Osmar Gonçalves, João Roberto Haffers e Sílvio Manzoni, os quais “se lançavam ao mar na praia do Gonzaga, em Santos, para surfar com a primeira prancha construída no Brasil, feita por eles próprios, seguindo as orientações de uma revista de mecânica americana” (MENDONÇA JÚNIOR, 2007, p. 26).

A ideia do surf no litoral paulistachamou à atenção, mas não houve continuidade. Seria necessária mais uma década para que fosse consolidada essa nova modalidade no Brasil, o que ocorreria no Rio de Janeiro. O primeiro aventureiro das ondas cariocas foi Luis Carlos Vital que, em 1947, surfou nas ondas do Arpoador, sendo seguido, na década seguinte, por Bruno Hermany, George Grande, Jorge Paulo Lehmann e Paulo Preguiça. Por isso, José Augusto Gonçalves Dias não vê continuidade entre os fatos ocorridos em Santos e a grande recepção que o surf teve no Rio de Janeiro. Para esse autor “não se tem nenhum tipo de vínculo ou continuidade entre esses dois eventos. Ao contrário, são dois movimentos absolutamente autônomos” (DIAS, 2009, p. 258).

Diante disso, pode-se concluir:

A gênese do surfe no Brasil [...] encontra-se no Rio de Janeiro, que foi onde a prática ganhou popularidade, gerou um mercado ao seu redor e finalmente, consolidou uma rede de atores que, dali em diante, adotariam o esporte como estilo de vida e marco formador de suas identidades (DIAS, 2009, p. 258).

Mas, apesar dessa popularidade, foi necessária mais uma década para que surgissem dois fatos marcantes para o surf em solo brasileiro, sendo o primeiro a iniciativa de se criar uma federação para sua organização, por Walter Guerra, Fernanda Guerra e Maria Helena Beltrão; o segundo foi a presença feminina, consolidada com a participação e a vitória de

Fernanda Guerra na primeira competição de surf, a quem se atribui o rótulo de primeira surfista do Brasil. Do Rio de Janeiro, logo o surf seria disseminado para toda a costa brasileira.

Nos anos finais do século XX, apesar da conquista feminina pelo espaço no surf, essa prática ainda era marcada com a caricatura masculina, como se pode perceber da análise evolutiva que Gutemberg (1989, p. 7) faz, ao declarar que o surf deveria ser visto como “um complexo esporte que envolve alta tecnologia para a fabricação de pranchas, calções, cordinhas e roupas de neoprene, equipamentos indispensáveis aos surfistas do fim do século”.

Essa afirmação de Gutemberg, descrevendo os adereços dos surfistas, demonstra que a categoria do surf feminino ainda teria longa estrada para ser trilhada, num esporte marcadamente masculino em suas origens, desenvolvimento e expansão.

4.5 A prática do surf por mulheres

Apesar das origens, em que se verificam a participação de homens, mulheres e crianças, durante muito tempo a prática do surf foi associada à força masculina. Às mulheres “restava o papel de espectadoras, sentadas na areia esperando os namorados saírem do mar [...] uma tradicional atuação passiva, restrita a admiradoras e torcedoras: o papel ‘feminino’ por excelência” (KNIJNIK & CRUZ, 2004, p. 4).

Independentemente dos fatores que tenham afastado a mulher da prática do surf – hábito cultural, ou o denominado clube masculino – “mesmo assim, nos anos 50 as mulheres surfaram em Malibu” (KNIJNIK & CRUZ, 2004, p.10), a exemplo de Vick Flaxman que, em 1950, “surfou na crista da onda até à praia e arrancou um enorme aplauso dos homens” (KNIJNIK & CRUZ, 2004, p.10). E, embora sendo uma presença tímida, as décadas seguintes testemunharam a participação da mulher surfista em variados circuitos do mundo.

No Brasil, a presença feminina no surf está diretamente ligada ao fato ocorrido na década de 1960, com a fundação da Federação Carioca de Surf. Segundo Ana Carolina Cruz, pesquisadora da participação das mulheres no surf, além de Fernanda Guerra, Maria Helena Beltrão fez parte dessa fundação, as quais integrariam as primeiras campeãs dessa modalidade, juntamente com Heliana Oliveira, “mulheres [que] viveram o momento inicial da esportivização da modalidade” (CRUZ, 2012, p. 2).

Não obstante as representações sociais incorporadas à prática do surf, fruto da mentalidade patriarcal e de outros condicionamentos, as mulheres conquistariam seu espaço

na praia e no mar, apesar do paradoxo que se veria nos anos subsequentes, com a presença da mulher mais como simpatizante do surf nas praias do que como competidoras.

A graciosidade das mulheres, que era a marca do surfe feminino carioca na década de 1960, foi dando espaço a desempenhos mais atléticos, e as mulheres talvez não estivessem preparadas para a radicalidade exigida durante a década de 1970. [...] O surf adotou o impulso libertário e contestador, mas também se integrou a comercialização e lucro. Nesse sentido, as mulheres nos campeonatos chamavam mais atenção no desfile de biquínis do que no mar surfando (CRUZ, 2012, p. 7).

A década de 1960 chegou ao seu fim, mas não a luta da mulher para conquistar seu lugar nos esportes. O que se viu nas décadas subsequentes foi a constante busca da consolidação da presença feminina no surf. Para Knijnike Cruz (2004, p. 4),

as mulheres vêm se apropriando cada vez mais de pedaços do mar que antes eram habitados somente por homens. Remando em suas pranchas, subindo e descendo ondas, elas criam uma nova realidade tanto para o surfe, quanto para o esporte e as pesquisas referentes à presença deste na sociedade.

Essa nova realidade tem múltiplas faces. Uma delas é a condição da mulher frente a esses novos desafios, com uma postura corporal que se imponha sem passividade nesse universo “masculinizado”, apesar da pressão que se exerce para a manutenção de certos padrões idealizados. Nesse sentido, “as surfistas, na contemporaneidade, vêm remodelando e criando novas formas de ser e habitar o mundo, a partir de sua prática corporal”(KNIJNIK & CRUZ, 2004, p. 6).

Diante disso, surge não somente uma nova representação, mas também um novo mercado a ser explorado, aberto a muitas possibilidades e que atenda a mulher dentro de sua própria idealização.

4.6 Mulheres e a prática do surf por lazer

A presença masculina já não representa nas areias e no mar uma presença dominante quando o assunto é o surf pelo simples prazer do lazer. Essa mudança tem sido descrita por vários autores e autoras, demonstrando a atenção que a grande mídia tem dado ao assunto nos anos iniciais do novo milênio.

Tudo isso indica que os novos tempos tenham se tornado propícios para que cada vez mais a ala feminina subisse em pranchas para se aventurar no mar, seja por lazer ou por competição. Logo, a cada dia mais mulheres passariam a encarar as ondas em toda a costa brasileira. Para Knijnik e Cruz, não é difícil perceber as razões disso:

A brasileira adora praia, e ‘todo mundo’ conhece ou já conheceu alguém que pratica o surfe. Por isso, muitas começam a surfar por diversão, nas férias, com uma prancha emprestada. Então tomam gosto pelo esporte, e, ao invés de ir à praia somente nas férias e feriados, passam a frequentá-la quase todos os finais de semana, lutam para conseguir a própria prancha, e se jogam no mar (KNIJNIK & CRUZ, 2004, p. 5).

Elas, as mulheres surfistas, estão por aí, na costa, brincando de surfar, simplesmente porque a areia e o mar também lhes pertencem, por direito.

4.7 De sol e mar: a história dos trajes de banho femininos

A história do traje de banho feminino é diversificada e intrigante, pois durante muito tempo essa peça precisou se adequar aos princípios morais impostos pela sociedade e esteve presa à cultura e clima do seu lugar de origem. Fundamentada em Carvalho (2005), Rafaella Bertão Pigatto (2012, p. 11) recorda que o corpo era visto como objeto do pecado, pois pela sua constituição poderia levar homens e mulheres a pecar. Esse foi um dos principais motivos que levou a necessidade de reais mudanças nos trajes de banho, a fim de corresponderem as demais localidades do mundo, inclusive do Brasil, pois toda moda brasileira vinha da Europa, um contexto totalmente diferente em relação ao clima tropical existente no país, tornando o lazer e o prazer praiano uma tortura para as mulheres brasileiras, que eram obrigadas a seguir aquele mesmo padrão das praias geladas europeias.

A moda feminina brasileira foi, assim, por algum tempo, uma moda vinda da França, sem nenhuma preocupação, da parte dos franceses, de sua adaptação a um país diferente do clima da França. Uma moda imposta à mulher brasileira e à qual essa, quando de pessoas mais altas, das cidades principais, tiveram de adaptar-se desbrasileirando-se e, até torturando-se, sofrendo no corpo, martirizando-se (FREYRE, 2009, apud VASCONCELOS, 2017, p. 13).

A moda praia começou sua trajetória ainda no século XVIII, de maneira inusitada se comparada aos modelos atuais. Longos vestidos de tecidos pesados que cobriam todo o corpo, eram a indumentária que as mulheres usavam para o banho de mar e sol, na época, seguindo recomendação médica para tratamento de depressão, entre outras doenças (Figura 1).

Os primeiros modelos de trajes de banho femininos, feitos em tecidos espessos (sarja, de preferência, ou ainda algodão), eram calças bufantes que iam até os joelhos, sobrepostas por saiaote na mesma altura e por uma blusa-casaco acinturada até a altura dos quadris, abaixo das nádegas, com mangas curtas ou até os cotovelos. Muitas vezes tinham golas no estilo marinheiro. Na cabeça usava-se uma touca franzida ou um chapéu de abas pequenas. As cores predominantes eram o preto ou azul-marinho. Nos pés, usavam-se sapatos de lona com solados de borracha ou corda, amarrados no tornozelo, algumas vezes com meias três-quartos (BRAGA e PRADO, 2011, apud VASCONCELOS, 2017, p. 13-14)

(Figura 1) Pioneiro traje de banho

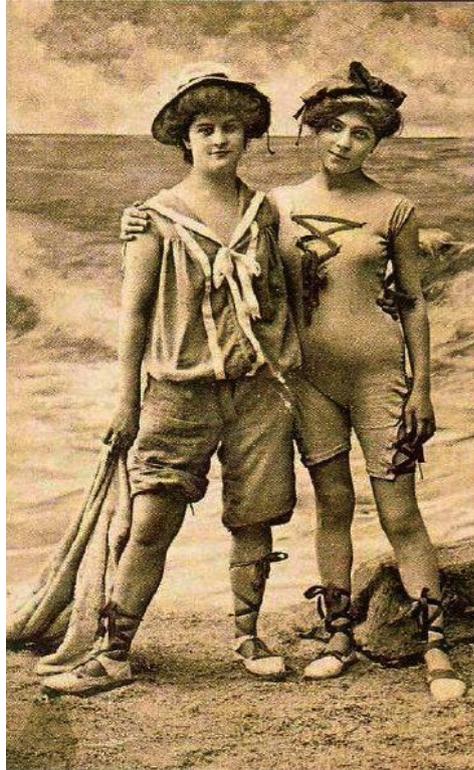


FIGURE 4.—BATHING DRESS.

Disponível em: <http://www.lucianabotacini.com/2013/09/moda-praia-durante-as-decadas.html>

No século XX, finalmente, as roupas de banho começaram a diminuir de tamanho, descobrindo os braços e as pernas até as coxas, dando abertura para uma maior variedade de modelos e, eventualmente, mais conforto (Figura 2). Felipe Amorim Vasconcelos (2017, p. 13) recorda que ainda na segunda metade da década de 1920 “as mulheres brasileiras, principalmente, cariocas, já apresentavam sinais de vaidade com o corpo, cada vez mais moldado por exercícios físicos e exibido nas praias”. E, acrescenta que “a peça, que deixa à mostra a parte inferior das coxas, começou a ser usada com tecidos como jérsei de lã e algodão, e podia ser inteiriça ou composta por duas partes: calção curto colado e blusa cavada” (VASCONCELOS, 2017, p.14).

(Figura 2) Diminuição das roupas de banho



Disponível em: http://www.atelierdejojo.com/2016/06/il-y.html?utm_source=_ob_email&utm_medium=_ob_notification&utm_campaign=_ob_pushmail

(Figura 3) Tomara-que-caia, década de 1930

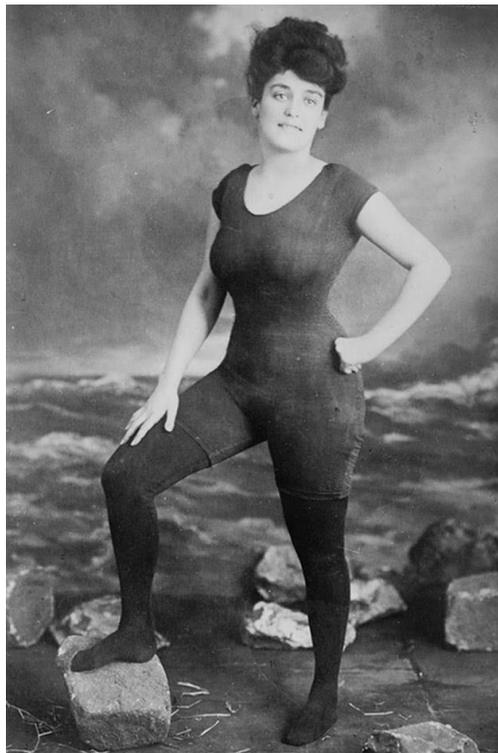


Disponível em: http://www.atelierdejojo.com/2016/06/il-y-a.html?utm_source=_ob_email&utm_medium=_ob_notification&utm_campaign=_ob_pushmail

Há que se reconhecer que um dos fatores que influenciaram a diminuição das roupas de banho femininas, foi sua adesão à prática esportiva. O golfe, por exemplo, introduziu o uso do cardigã; a bicicleta permitiu o aparecimento, por volta de 1890, de calças bufantes apertadas sob o joelho e, em 1934, do short de verão; os banhos de mar impulsionaram, no começo do século, a inovação de maiôs sem mangas com decote redondo, seguida, nos anos 20, do maiô com as pernas e braços nus. Enfim, nos anos 30, as costas foram completamente descobertas (LIPOVETSKY, 1991, p. 76).

No ano de 1907, o traje de duas peças fora substituído pelo de uma peça só, assemelhando-se a um macacão, divulgado pela nadadora australiana Annette Kellerman (Figura 4), ato que lhe rendeu a prisão. Contudo, “depois que as notícias sobre esse episódio se espalharam, o maiô acabou se popularizando e a grande quantidade de mulheres interessadas fez com que as leis de vestimenta ficassem mais brandas” (MENESES, 2017, p. 31).

(Figura 4) Annete Kellerman



Disponível em: <https://blogcalcadosonline.wordpress.com/2013/10/04/25-fotos-iconicas-do-passado-que-voce-definitivamente-precisa-ver/>

Na década de 1920, os maiôs sofreram significativa transformação. Os aspectos mais marcantes passaram a deixar os ombros e quase toda a coxa exposta e eram feitos em jérsei de lã, látex ou algodão (Figura 5) (MOUTINHO & VALENÇA, 2000, apud PIGATTO, 2012).

(Figura 5) Maiô, modelo de 1920



Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/24-imagens-que-mostram-evolucao-das-roupas-de-banho-ao-longo-das-ultimas-decadas/>

A pele devia estar queimada do sol e a silhueta delineada (Figura 6). Os maiôs passam a ser cavados, deixando as costas de fora e os saiotos, que antes eram volumosos, foram extintos (MOUTINHO & VALENÇA, 2000, apud PIGATTO, 2012).

(Figura 6) Maiô, modelo de 1930



Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/24-imagens-que-mostram-evolucao-das-roupas-de-banho-ao-longo-das-ultimas-decadas/>

Em 1940, influenciado pelo New Look de Christian Dior, a peça passou a ser mais feminina, ficando mais curta e evidenciando ainda mais as curvas do corpo, chegando até mesmo a ter forma de espartilho (Figura 7). O maiô de duas peças diminuiria e daria forma ao biquíni.

(Figura 7) Maiô de duas peças, em 1940



Disponível em: [cinm.org.br/cinm/anais/2017/03_04_04_A moda praia.pdf](http://cinm.org.br/cinm/anais/2017/03_04_04_A%20moda%20praia.pdf)

O banho de mar foi introduzido no Brasil, no século XIX, no século XIX, por Dom Pedro II. Mas, somente em 1943, os trajes de banho de duas peças começaram a ser usados na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro (Figura 8).

O 'salso elemento' era tido como santo remédio. No começo, os banhos eram limitados à baía de Guanabara. Em seguida, com a instalação da filial de uma clínica no areal de Copacabana, a imersão no oceano foi considerada mais benéfica do que nas águas quentes da baía e era aconselhada para todas as doenças. (PACCE, 2016, p.32).

(Figura 8) Praia de Copacabana, década de 1950



Disponível em: <http://entrenessa.com.br/moda-praia-anos-50-e-60/>

4.8 O biquíni: a miniatura que revolucionou a moda praia

O primeiro biquíni foi lançado em 05 de julho de 1946, desenhada pelo francês Louis Réard, que lhe deu este nome inspirado na Ilha Bikini, no Pacífico Sul, onde eram feitos testes nucleares, por considerá-la uma grande explosão para a época, em que as mulheres só usavam peças mais compostas. “A denominação combinou muito com a peça, já que remete à ilha paradisíaca e contém o termo ‘bi’, que indica duas peças” (MENESES, 2017, p. 32). Os produtos a serem oferecidos eram tão pequenos que, segundo Pigatto (2012, p. 19), “eram colocados dentro de uma caixa de fósforos e vinham com garantia de que havia apenas 70 centímetros de tecido”.

O primeiro biquíni era um modelo janelinha, e a calcinha tinha um recorte em V com cintura alta e tiras finas nas laterais, na estampa de jornal. A peça foi fotografada no corpo da bailarina Micheline Bernardine, de 18 anos, pois as modelos da época não quiseram posar com ele (Figura 9).

(Figura 9) A dançarina Micheline Bernardini



Disponível em: <http://www.esquirelat.com/mujeres/264748/fotos-bellas-verano/>

Embora o biquíni tivesse sido proibido em vários países, como França, Itália, Bélgica, e Espanha, o primeiro biquíni no Brasil foi exibido pela refugiada alemã Miriam Etz, em 1948 (Figura 10). Foi o começo de uma grande revolução para a cultura do biquíni nas praias brasileiras.

Jânio Quadros, como presidente do Brasil, proibiu o uso do biquíni nas praias e isso acabou sendo um grande estímulo para sua disseminação e os biquínis de Helanca® lisos e estampados invadiram as praias brasileiras. Os modelos ficaram mais sumários e o maiô “engana-mamãe” e o “monoquíni” mostravam a ousadia das mulheres (RIBEIRO, et. al., 2009, apud PIGATTO, 2012, p. 22).

(Figura 10) Miriam Etz, imigrante alemã



Disponível em: <http://asnamanga.com/no-rio-o-duas-pecas-sai-da-praia-e-invade-o-museu-na-expo-yes-nos-temos-biquini-com-curadoria-de-lilian-pacce>

Para o cinema hollywoodiano o biquíni também não era uma peça que agradava, porém, a atriz Brigitte Bardot (Figura 11) apareceu usando um modelo xadrez rosa e branco em cenas do filme *E Deus criou a mulher*, de 1956 (PIGATTO, 2012, p. 20). Logo o biquíni seria peça de consumo pelo mundo.

(Figura 11) Brigitte Bardot, no filme E Deus criou a mulher



Disponível em: <https://www.dechellesblog.com.br/outros-temas/biquinis-de-brigitte-bardot-a-cereja-doce>

Na década de 1960, os modelos apareceram mais cavados. Surgiram os biquínis de helanca, lisos e estampados, e a calcinha ficou menor, com cintos decorados nas laterais e bojo (meia taça), deixando a impressão dos seios maiores (GONÇALVES, 2002, apud FIGATTO, 2012, p.). Os tecidos sintéticos foram uma grande novidade, por sua maior aderência ao corpo e secagem rápida (Figura 12).

(Figura 12) Ursula Andrews, no filme 007 Contra o Satânico Dr. No



Disponível em: <https://santoturismo.wordpress.com/tag/brigitte-bardot/>

O maiô/biquíni chamado de “engana mamãe” também foi lançado nos anos 1960, pois de frente, este parecia um maiô, mas visto de costas, dava-se a impressão de um biquíni (Figura 13).

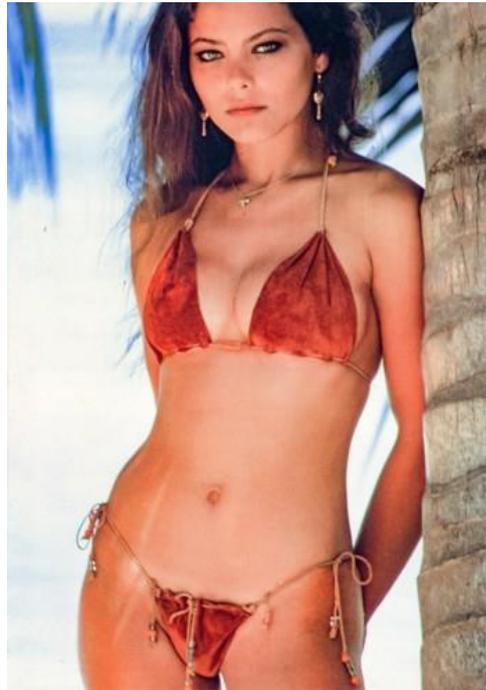
(Figura 13) Maiô engana-mamãe



Disponível em:<http://karenbea.blogspot.com/2015/04/retrospectiva.html>

A década de 1970 se destacou pela valorização das formas, e o biquíni atingiu sua menor dimensão: a tanga, modelo com cintura baixa e muito fino nas laterais (Figura 14). No início dos anos 1970 os biquínis de Lycra® aos poucos substituem os de algodão. Nas laterais das calcinhas aparecem conchinhas, os sutiãs começam a perder o forro e se transformam em pequenos triângulos regulares, que passaram a ser chamados de cortininha (MOUTINHO & VALENÇA, 2000, apud PIGATTO, 2012, p. 22).

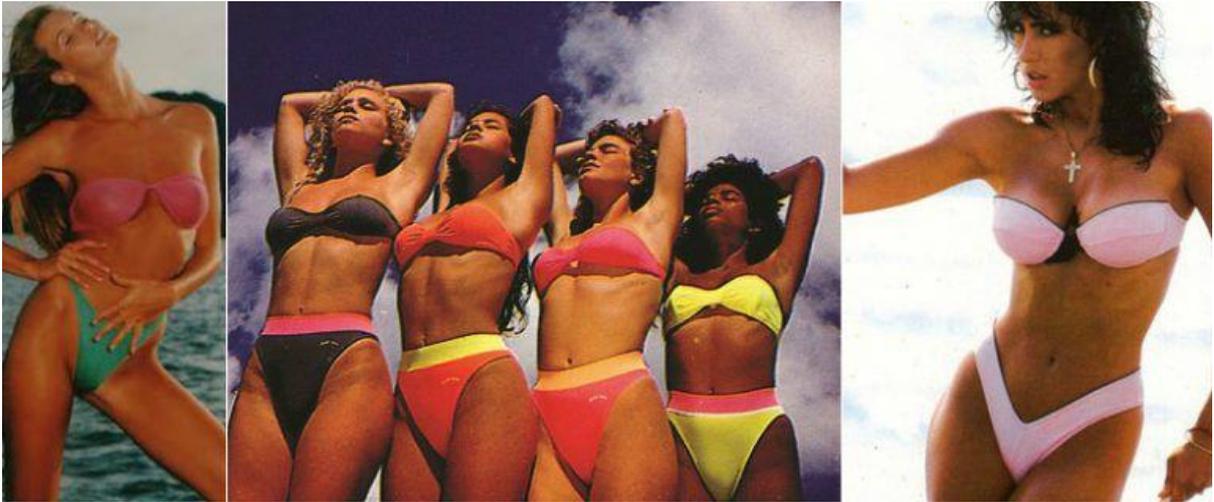
(Figura 14)A modelo Rose Di Primo usando tanga



Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/24-imagens-que-mostram-evolucao-das-roupas-de-banho-ao-longo-das-ultimas-decadas/>

A década de 1980 trouxe aos biquínis cores variadas emodelagens transformadas, com a tanga subindo até a altura da cintura, surgindo o modelo asa delta, em que as laterais do biquíni ficam até a cintura, além do sunquíni, mais largo dos lados (Figura 15). “Na metade desta mesma década, surgiram o sutiã-regata e o enroladinho na calcinha, que tinham como inspiração os uniformes de ginástica, além de novos materiais como o cottonLycra e o ligante” (GONÇALVES, 2002, apud PIGATTO, 2012, p, 22).

(Figura 15) Modelo Asa-delta



Disponível em: <http://deiacypri.com.br/moda-praia-biquinis-moda-antiga/>

O culto ao corpo é a principal marca dos anos 1980, percebido na busca das mulheres em se exercitar para tentar alcançar o corpo magro e delineado das modelos. É nessa década que aparece o fio-dental (Figura 16), “o menor traje da história da moda, que chegou a ser proibido pelo prefeito Sonny Bonno na badalada praia de Palm Springs, na Califórnia (EUA)” (GONÇALVES, 2002, apud PIGATTO, 2012, p. 22).

(Figura 16) Mulheres usando fio-dental

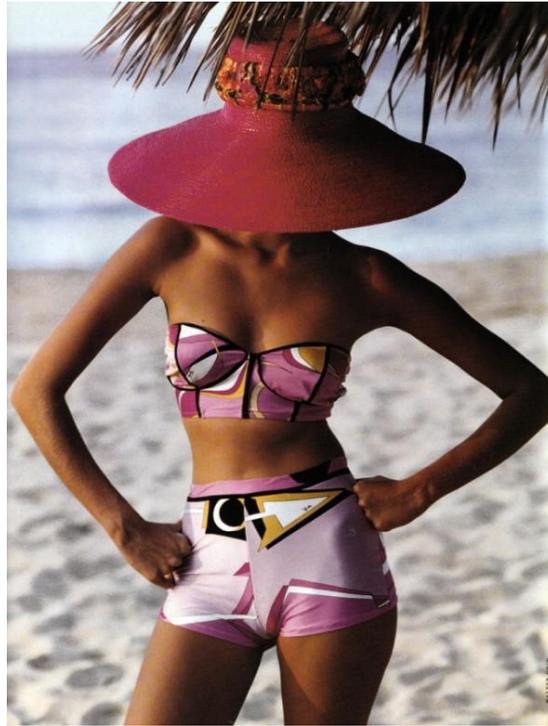


Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-imagens-que-provam-que-viagem-no-tempo-ja-esta-acontecendo/>

Nos anos 1990, a moda praia passou a ocupar um espaço ainda maior na moda. Os acessórios passaram a fazer parte dos trajes de banho, como a saída de praia, as sacolas coloridas, os chinelos, óculos, chapéus, cangas e toalhas. Os modelos se multiplicaram e a evolução tecnológica possibilitou o surgimento de tecidos cada vez mais resistentes e apropriados ao banho de mar e piscina. Reduzido ao mínimo possível uma década antes, o

biquíni iniciou o caminho inverso e começou a crescer novamente, assim surgindo o sunquíni, quase um retorno ao maiô de duas peças (Figura 18). Nessa época, acessórios como saias e shorts começam a fazer parte do look antes composto apenas pelo biquíni.

(Figura 17) Sunquíni



Disponível em: <https://www.fashionismo.com.br/wp-content/uploads/2012/10/vogueitalia-june1992-walterchin>

A evolução do biquíni mostra que ele se transformou em status para as mulheres, ganhando espaço no mercado internacional, conectado com as tendências da moda (Figuras 18, 19 e 20). “Neste momento os biquínis brasileiros estão em todas as partes, revistas e editoriais de moda do mundo, onde passou a ser conhecido por possuir uma boa modelagem e ser experiente em inovações”. (RIBEIRO, et. al. 2009, apud PIGATTO, 2012, p. 23).

(Figura 18) Biquíni e moda praia (1)



Disponível em: <http://blog.analiberato.com/dicas/moda/100-ideias-de-biquinis-e-maios-para-chegar-com-estilo-na-praia-ou-na-piscina/>

(Figura 19) Biquíni e moda praia (2)



Disponível em: <https://garotasdesaturno.wordpress.com/2019/03/07/33-biquinis-para-voce-se-inspirar-e-ir-curtir-a-praia-com-style/>

(Figura 20) Biquíni e moda praia (3)



Disponível em: <https://garotasdesaturno.wordpress.com/2019/03/07/33-biquinis-para-voce-se-inspirar-e-ir-curtir-a-praia-com-style/>

Com tantas marcas especializadas neste segmento, o mercado brasileiro se tornou referência em termos de modelagem, desenvolvimento de coleções e uso de materiais tecnológicos em seus produtos, porém, ainda não foram encontradas alternativas para todos os questionamentos e exigências do mercado, o que leva à necessidade ainda de inovações na moda praia brasileira. Este trabalho e sua proposta de produto procuram preencher a um desses espaços, notadamente no que tange a um público praiano feminino associado à prática do surf por lazer.

4.9 Moda e ergonomia

Independentemente da forma como as pessoas em diversas culturas encaram as questões voltadas à moda, esta tem sido percebida como expressão e comunicação. Assim, a moda está presente no dia a dia da vida das pessoas.

Quando um indivíduo seleciona entre as mais variadas cores os mais diversos tecidos e adereços e executa sua combinatória, ele constrói seu discurso, seu texto, que é, ao mesmo tempo, um discurso moral, ético e estético, ou seja, está inserido num contexto social, político, econômico e estético e quer significar algo, quer em seu conteúdo ideológico, quer em seu conteúdo estético (artístico) (GARDIN, apud, PIGATTO, 2012, p. 7).

A moda tem seu destaque nos mais variados contextos da vida, trazendo inovação, beleza, conforto e modernidade para a sociedade, desde os tempos mais remotos. Suas descobertas através da criatividade dos designers têm mudado a vida e a história da humanidade, se tornando essencial para o desenvolvimento cultural, estético, político e econômico, contribuindo sempre para um novo significado em tudo aquilo que se propõe, embora, sendo na maioria das vezes, reprimida por hábitos e costumes ao longo de sua trajetória.

De fato, a moda sempre foi e continua sendo, em certa medida, alvo de sermões, críticas e mesmo condenações, pois seus excessos suscitam a indignação principalmente entre aqueles que têm fortes convicções religiosas e morais ou mesmo patrióticas. Entretanto, mesmo na mira de tantas críticas, a moda acaba sempre por triunfar. Jamais uma crítica conseguiu transformar uma moda vestimentar; é frequente observar-se que por mais que uma nova moda seja ridicularizada, atacada, ela nasce, cresce e prospera, muitas vezes, estimulada pela própria rejeição (CIDREIRA, 2007, p. 35).

A ergonomia é a ciência que estuda a relação entre homem e máquina. As bases que a ergonomia oferece são de suma importância para o desenvolvimento de produto em design,

pois agrega funcionalidade aos projetos, com a finalidade de trazer conforto e bem estar ao usuário. “A pesquisa ergonômica objetiva adaptar o trabalho ou a máquina às capacidades humanas, de modo a facilitar o trabalho e garantir máquinas agradáveis.” (MONT’ALVÃO & DAMÁZIO, 2008, p. 20).

O processo de design, por seu caráter interdisciplinar, requer um procedimento integrado de diversas áreas do conhecimento – tecnologia, estética, comunicação, etc. Isso faz com que a complexidade da atividade profissional seja cada vez maior e que a fundamentação das decisões projetuais seja feita com base científica. Só assim a intervenção social do designer se dará de modo consequente e consistente (NIEMEYER, 2003, apud MONT’ALVÃO & DAMÁZIO, 2008).

Vestir e desvestir são ações relacionadas, *a priori*, com a facilidade de manejo, combinado com o índice ergonômico físico, que avalia aspectos anatômicos, antropométricos e biomecânicos (MARTINS, 2006, p.323).

Segundo os autores russos Zichenko e Munipov (apud MARTINS, 1988), a ergonomia na moda está relacionada com a estruturação de peças do vestuário visando à avaliação das mesmas quanto à sua forma, e se está adequada para o uso dentro das perspectivas a que se propõe tanto de segurança quanto das facilidades para o manuseio do usuário. Como exemplo disto, ele traz à memória os espartilhos usados na Europa e no Brasil colonial, que impossibilitava sua vestimenta, a não ser com a ajuda de outra pessoa para colocar e tirar. Além disso, o desconforto causado pelo excesso de pressão no tórax das mulheres ocasionava constantes desmaios.

É importante ressaltar que o projeto de produto da segunda pele “não pode estar desvinculado dos requisitos técnicos e estéticos nem desconsiderar as inovações tecnológicas e, principalmente, deve estar centrada no usuário, suas necessidades, capacidades e limitações em relação a sua mobilidade, faixa etária e atividade realizada” (MARTINS, 2006, p.12).

Em se tratando do quesito segurança na ergonomia, deve-se levar em conta os movimentos habituais do usuário na área inserida, seja trabalho, esporte ou lazer, a fim de serem realizadas com total eficiência.

Sentar, levantar, abaixar, esticar, alcançar, alterar o peso corporal, corresponde a prioridade ergonômica de segurança, que permite realizar com eficácia todo e qualquer movimento da atividade humana. Somam-se a isso, os índices fisiológicos, relacionados ao metabolismo do corpo, a limitação energética e o trabalho muscular requerido na tarefa realizada, assim como os psicofisiológicos, entendidos como as capacidades e as limitações do ser humano, tanto físicas como cognitivas (MARTINS, 1988).

Quanto à usabilidade, o autor descreve como sendo responsável por avaliar a facilidade do produto quanto ao seu uso na relação entre ele e o usuário, pois deve ser achado de forma descomplicada, de fácil manuseio e agradável.

4.10 Padronização de medidas conforme a NBR

Para a produção do vestuário em larga escala, o conhecimento e a padronização de uma numeração baseada nas medidas e proporções do corpo são fatores fundamentais no sucesso comercial da indústria têxtil e da moda (José Jorge Boueri).

A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) estruturou uma tabela de medidas para normatizar a confecção de vestuário na indústria têxtil brasileira, em 1995, onde foi emitida a norma NBR 13377, com as medidas do corpo humano, no intuito de padronizar e facilitar o mercado do vestuário.

Dentre as dimensões corporais femininas normatizadas, utilizou-se para a produção do biquíni em questão, as medidas circunferências do busto e da cintura relacionados abaixo:

Tabela 1: Medidas de busto e de cintura

Medidas do busto (cm)	78	82	86	90	94	98	102	106	108
Tamanhos	36	38	40	42	44	46	48	50	52
	PP	P	M	G	GG				

Medidas da cintura (cm)	60	64	68	72	76	80	84	88	92
Tamanhos	36	38	40	42	44	46	48	50	52
	PP	P	M	G	GG				

Fonte: ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)

Souza (2007) ressalta que a modelagem tem como objetivo adaptar a coleção à produção, através do desenvolvimento dos moldes, baseando-se no design do modelo, sendo imprescindível uma tabela de medidas para a produção das peças baseada nos estudos do público em questão, pois o consumidor deve confiar que a modelagem lhe cairá bem.

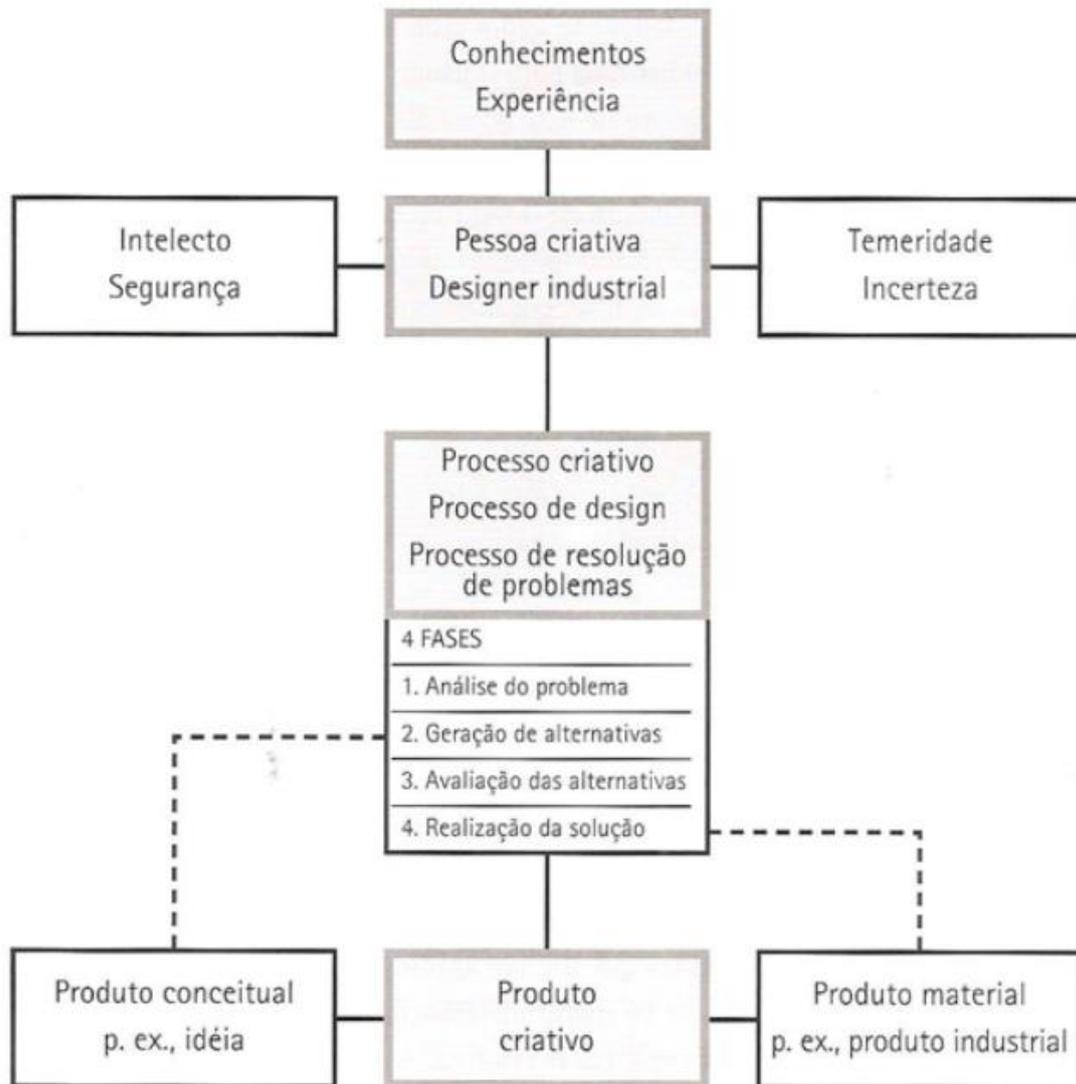
5 METODOLOGIA

BerndLobach destaca que o processo de Design divide-se em quatro fases, preparação, geração, avaliação e realização; e que nele haverá sempre avanço e retrocesso, contudo, o reconhecimento da problemática é essencial para a resolução do mesmo. Em relação ao Designer, esse autor afirma que seu papel é fundamental no desenvolvimento de um produto, pois é um criativo intelectual que tem o dever de intervir no ambiente para fins de trazer bem-estar ao usuário. "O homem como indivíduo é um ser que atua e que através de sua atuação exerce uma ativa influência em seu meio ambiente e o modifica" (LOBACH, 2001, p.24).

O presente trabalho utilizou a metodologia de Lobach, que é composta das seguintes etapas:

- (a) A fase de preparação baseia-se na coleta de todas as informações que possam estar envolvidas, a fim de serem avaliadas posteriormente e através delas, definir o problema e, assim, traçar os objetivos a serem alcançados.
- (b) A segunda fase dessa preparação é direcionada à geração de ideias, baseando-se nas análises realizadas, porém, primeiramente, de forma livre para depois ordenar e avaliar as propostas, levando em consideração, que o uso de métodos de resolução de problemas adequados ao processo de design, pode encurtar o tempo de geração de ideias, através de atividades dirigidas que podem ser controladas em cada etapa. Esse processo pode ser desencadeado por diversas vezes, mediante retroalimentação com o método analítico.
- (c) Na fase de avaliação é feito o exame e seleção das alternativas, a fim de encontrar a mais adequada aos critérios de aceitação e dos objetivos do projeto, estabelecidos no final da fase analítica, que agrupados em duas variáveis pode-se dar peso a uma delas.
- (d) Na fase de materialização a alternativa escolhida será revista e aperfeiçoada para decodificação em desenho técnico e protótipo.
- (e) Na fase de Realização, aplica-se o produto gerado para teste com a usuária.

Tabela 2: O processo de design de B. Lobach



Fonte: LOBACH, Bernd. 2001

5.1 Fase de preparação:

Nesta etapa foi observado o comportamento das usuárias, praticantes do surfe por lazer, com relação ao uso do biquíni na prática desse esporte e para comprovação da problemática, aplicou-se um formulário para análise das possíveis deficiências da peça em questão. Em seguida, fez-se uma análise de mercado com base nos produtos disponíveis em São Luís do Maranhão, onde se levou em consideração os valores das peças, os modelos e os tecidos utilizados, através de fotografias. Depois de todos os dados coletados de problemas que foram averiguados, foi elaborado o *briefing* com as características para a solução do problema.

5.2 Fase de geração de ideias:

Foi realizada por meio de esboços, usando o método de criatividade de Baxter, baseado em analogia, que desencadeou o processo criativo a fim de proporcionar as alternativas de soluções. Baseia-se na coleta de todas as informações que possam estar envolvidas, a fim de serem avaliadas posteriormente e, através delas, definir o problema e, assim, traçar os objetivos a serem alcançados.

A segunda fase dessa preparação é direcionada a geração de ideias: Baseando-se nas análises realizadas, porém, primeiramente, de forma livre para depois ordenar e avaliar as propostas, levando em consideração, que o uso de métodos de resolução de problemas adequados ao processo de design, pode encurtar o tempo de geração de ideias, através de atividades dirigidas que podem ser controladas em cada etapa. Esse processo pode ser desencadeado por diversas vezes, mediante retroalimentação com o método analítico.

5.3 Fase de Avaliação

Na terceira fase, foi feito o exame e seleção das alternativas que se enquadrasse nos padrões exigidos, a fim de encontrar a mais adequada aos critérios de aceitação e dos objetivos do projeto, estabelecidos no final da fase analítica, que agrupados em duas variáveis pode-se dar peso a uma delas.

Finalmente, vem a fase de materialização da alternativa escolhida, que será revista e aperfeiçoada para decodificação em desenho técnico e protótipo de produção.

5.4 Fase de Materialização: foi escolhido o material apropriado para a peça em questão, o modo de fabricação, e em seguida foi feita a modelagem e o desenho de representação.

5.5 Fase de Realização

Em seguida foi realizado o teste do produto por meio de uma usuária, e finalmente será feita a apresentação do resultado.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1Preparação

Nesta fase, foram fotografadas assurfistas na praia Ponta da Areia, em São Luís do Maranhão, com os biquínis de uso habitual para análise das necessidades por meio da observação.

(Figura 21) Surfistas na praia de São Luís



Fonte: Acervo da autora

(Figura 22) Surfista de biquíni na praia de São Luís (1)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 23) Surfista de biquíni na praia de São Luís (2)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 24) Surfista de biquíni na praia de São Luís (3)



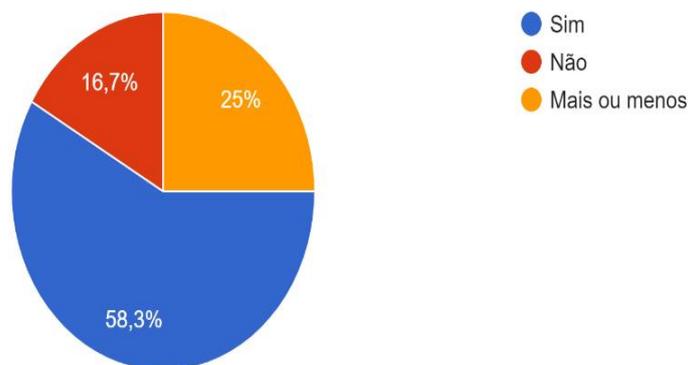
Fonte: Acervo da autora

6.2 Formulário e resultado da pesquisa

Com a finalidade de compreender a falha de funcionalidade do biquíni das usuárias dessa região para a prática do surf, aplicou-se um formulário de pesquisa on-line para 12 surfistas, no qual, resultou nos dados abaixo:

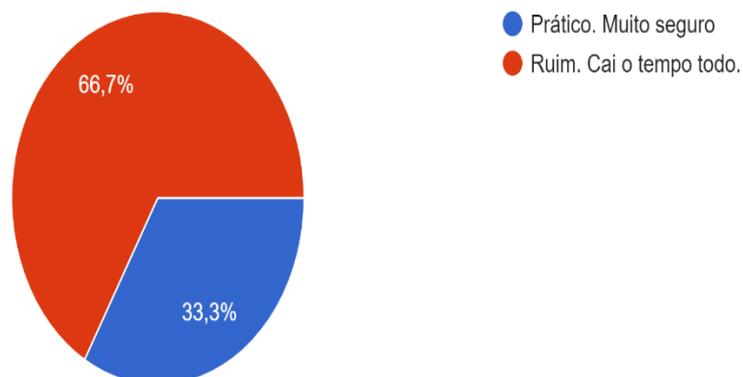
Sobre a existência de algum incômodo com o biquíni na prática do surf, 58,3% declararam que sim; outras 25%, mais ou menos, e 16,7% afirmaram que não (Gráfico 1).

Gráfico 1: Percentuais sobre incômodo do biquíni



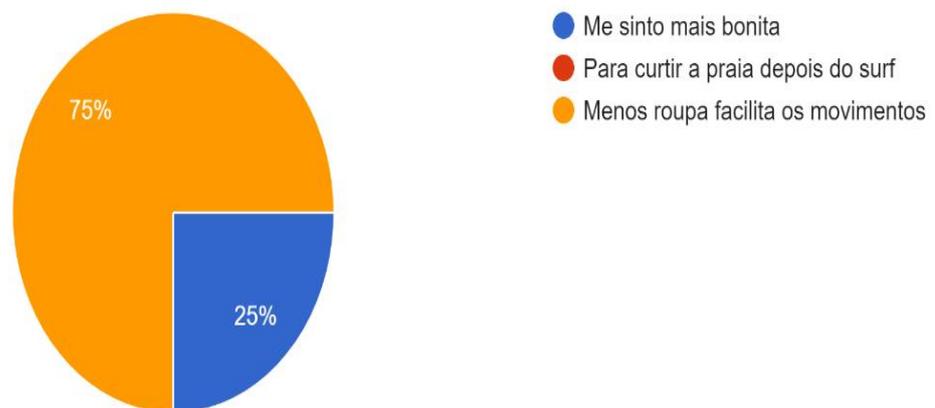
Quando questionadas sobre o desempenho do biquíni durante o surf, 66,7% alegaram que o biquíni não é seguro para a prática do esporte por soltar várias vezes do corpo. Outras 33,3% dizem ser muito prático para surfar (Gráfico 2).

Gráfico 2: Percentuais sobre desempenho do biquíni



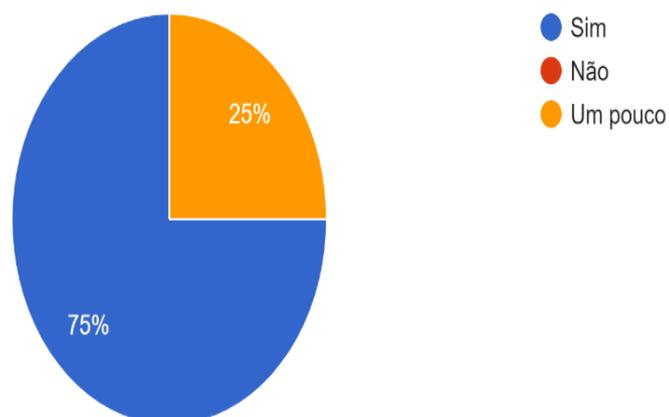
Para saber por que as surfistas preferem biquíni para surfar a um macacão ou maiô, 75% responderam que menos roupa facilita os movimentos, 25% dizem se sentirem mais bonitas de biquíni, e 0% para curtir a praia depois do surf (Gráfico 3).

Gráfico 3: Percentuais sobre a preferência do biquíni para o surf



Em relação a dificuldade de encontrar biquíni seguro para surfar, 75% disseram que sim e 25%, apenas um pouco (Gráfico 4).

Gráfico 4: Percentuais acerca de procura de biquíni



Pediu-se também, que descrevessem o modelo ideal de biquíni para favorecer um melhor desempenho no esporte.

Entrevistada 1

Um modelo que seja seguro e confortável.

Entrevistada 2

Um modelo que não machuque os ombros nas sucessivas remadas, que tenha uma calcinha segura, mas sem apertar e que o material seja leve.

Entrevistada 3

O modelo ideal precisa de alças reforçadas com trançamento nas costas, seguro na parte dos seios para não sair do lugar, de preferência, maiô engana-mamãe para proteger a barriga da parafina. Mas, se for biquíni, que seja cropped de manga, ou que não seja cortinha.

Entrevistada 4

Um modelo que seja seguro para que eu não tenha que me preocupar em sair catando o biquíni pelo mar, pois acredito que o problema maior está no modo de como ele é preso no corpo.

Entrevistada 5

Resistente.

Entrevistada 6

O biquíni deve ser de fácil amarração, mas, que ofereça proteção. A calcinha, mais apertada na cintura para que a onda não tire do lugar na hora de dar o joelhinho. O sutiã mais largo nos seios para não permitir que eles vazem e fiquem a mostra, já que sempre afasta para o lado com o impacto das ondas.

Entrevistada 7

O ideal seria uma calcinha que não descesse e um sutiã que não subisse a cada movimento do surf ou onda do mar.

Entrevistada 8

Pra surfar, o ideal é que o biquini seja confortável e seguro.

Entrevistada 9

Um biquíni grande e vestido no corpo.

Entrevistada 10

Um biquíni que fosse bonito, mas que aguentasse o impacto das ondas

Entrevistada 11

Um biquíni que não escorregasse muito e que fosse confortável.

Entrevistada 12

Um que não se solte com facilidade e nos deixe despidas.

6.3 Análise de Mercado

Essa análise de produtos disponíveis no mercado foi realizada na capital, São Luís, Estado do Maranhão, por meio de fotografias com demonstração de marcas, modelos, materiais e preços (Tabela 3).

Tabela 3: Biquínis da pesquisa de mercado

Loja	Modelo	Material	Preço
Over All		Poliamida 84% e Elastano 16%	R\$220,00

<p>Água de Coco</p>		<p>Poliamida 84% e Elastano 16%</p>	<p>R\$230,00</p>
<p>Água Viva</p>		<p>Poliamida 80% e Elastano 20%</p>	<p>R\$200,00</p>
<p>Lívia</p>		<p>Poliamida 60% e Elastano 40%</p>	<p>R\$170,00</p>
<p>Cia Marítima</p>		<p>Poliamida 80% e Elastano 20%</p>	<p>R\$330,00</p>

Loja	Modelo	Material	Preço
CeA		<p>Poliéster 89%</p> <p>e</p> <p>Elastano 11%</p>	R\$135,00
Marisa		<p>Poliéster 89%</p> <p>e</p> <p>Elastano 11%</p>	R\$110,00
Renner		<p>Poliamida 80%</p> <p>e</p> <p>Elastano 20%</p>	R\$110,00
Riachuelo		<p>Microfibra 100%</p>	R\$130,00

Fonte: Acervo da autora

6.4 Similares

Por meio dos biquínis similares existentes no mercado, buscou-se referências para o produto a ser desenvolvido com relação a forma e material dentro da proposta a ser alcançada. Um material mais aderente, por exemplo, pode servir para o que se deseja no produto, assim, como um modelo mais seguro. Estes serão de alguma maneira exemplo para o que se busca (Tabela 4).

Tabela 4: Biquínis similares

Marca	Modelo	Material
Langai		Poliamida 88,6% Elastano 11,4%
Uvline		Poliamida 90% Elastano 10%
Akaiahstore		Poliamida 90% Elastano 10%

Lili House Roxy		Poliamida92% Elastano8%
------------------------	---	----------------------------

Fonte: Acervo da autora

6.5 Geração

Persona

Para se entender o perfil da usuária em potencial que consumiria o produto, fizemos um personagem que possui estereótipo e estilo de vida pelos quais percorrem a rotina do público alvo em questão (Figura 25).

(Figura 25) Modelo de criação



Disponível em: <https://blogcariocando.com.br/2015/01/09/cariocando-nas-ruas-6/>

Luíza, 22 anos. Mora na casa de seu pai e passa o final de semana no bar de seu avô localizado na praia Ponta d'Areia. Começou a surfar aos 16 anos com a ajuda e incentivo de um amigo que conheceu na praia. Desde então, pratica surf todos os finais de semana por amor ao esporte e passou a praticar skate para desenvolver melhor as manobras do surf. Atualmente, Luíza cursa oceanografia na Universidade Federal do Maranhão e participa de projeto de extensão. Aos finais de semana, dá aula de surf para meninas e trabalha como garçomete no bar de seu Avô.

6.6 Briefing

Após a coleta de dados, o briefing baseia-se nos problemas em questão. Para não cometer os mesmos erros de outros produtos e com base no que foi exigido pelas usuárias, prepara-se a lista de requisitos para o futuro produto.

1. O produto deve apresentar aderência ao corpo
2. O produto deve atender a necessidade funcional
3. O produto deve oferecer conforto ao usuário
4. O produto deve ser adequado para a atividade esportiva no mar
5. O produto deve ser prático ao vestir
6. O produto deve seguir as tendências de moda
7. O tecido deve ser leve
8. Levar em consideração medidas da NBR
9. Ser de fabricação artesanal
10. A produção será em ambiente caseiro

6.7. Conceito

Em um dos métodos de criatividade imposto por Baxter para fluir melhor no desenvolvimento do esboço do produto, usamos a analogia que aplica algo já existente na natureza para construção da ideia.

Sabe-se que o tubarão é um dos predadores mais fortes e velozes do oceano. O mais curioso são suas escamas ou dentes pela pele, elas servem para protegê-lo de bactérias, e por serem microscópicas ajuda na sua locomoção com menos atrito na água (Figura 26).

(Figura 26) Figura ilustrativa



Disponível em https://aminoapps.com/c/furry-pt/page/blog/curiosidades-a-pele-do-tubarao/WRP3_ZGhXuLG7JRV6LerbkkK7QapWkv0QQ

7 GERAÇÃO DE IDEIAS

Com o ponto de referência para encaminhar o processo criativo, aplicamos o conceito de segurança da escama e sua forma está presente nos croquis.

Para o desenvolvimento de um novo biquíni, utilizou-se o brainstorming para explorar as mais variadas formas e tipos do vestuário, a fim de encontrar o modelo ideal que pudesse proporcionar aderência, segurança, conforto e beleza ao produto final.

Depois de toda a produção de croquis, escolhemos os modelos que mais se adequam aos requisitos descritos anteriormente. Para isso, realizamos o vetor dos três desenhos em destaque para outra seleção.



1.



2.



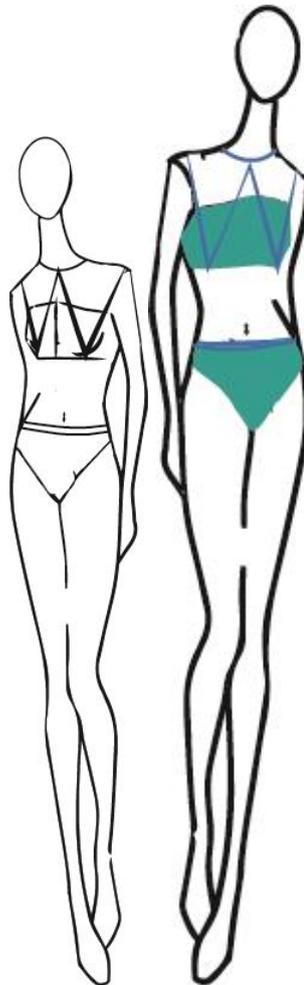
3.

7.1 Avaliação

7.2 Ideia escolhida

A ideia de biquíni escolhido apresenta um top vestido com alças que liberam os braços para os movimentos de remadas e que trazem sustentação, segurança e aderência, evitando a nudez no momento de impacto com as ondas.

A calcinha, por sua vez, foi produzida de cóis médio que adere bem ao corpo evitando o deslizamento da peça no movimento do surf, tendo a parte traseira mais larga que as peças habituais, mantendo a mesma no lugar e a parte frontal mais cavada, valorizando o corpo feminino.



7.3 Desenho técnico

(Anexos)

8 MATERIALIZAÇÃO

Na produção do biquíni, serão utilizados os seguintes materiais:

O tecido, o qual é constituído por poliamida 88% e elastano 12%, na cor azul, de textura leve com baixa absorção de água sendo, portanto, ideal para atividades no mar;

A fita métrica para tirar as medidas corretas e desejadas do biquíni;

A tesoura para o corte das peças;

O elástico que irá fornecer melhor aderência ao corpo;

Linha para unir e fechar as peças cortadas formando o biquíni;

Também, serão utilizadas duas máquinas, a Overlok, para chulear e fechar a peça, e a máquina reta, onde serão costuradas as partes mais estreitas do biquíni.

(Figura 27) Tecido poliamida e elastano



Disponível em https://pt.made-in-china.com/co_happytextiles/product_Polyamide-Elastane-Swimwear-Fabrics-Nylon-Spandex-Fabric-JNL1303-_hrnyurnsy.html

(Figura 28) Fita métrica



Disponível em <https://www.extra.com.br/papelaria/escolarescritorio/tesourasparaescritorios/tesoura-costura-22cm-460-9---mundial-5779466.html>

(Figura 29) Tesoura



Disponível em <https://www.extra.com.br/papelaria/escolarescritorio/tesourasparaescritorios/tesoura-costura-22cm-460-9---mundial-5779466.html>

(Figura 30) Linha de costura



Disponível em <https://www.boutiquedopatchwork.com.br/armarinho/linha>

(Figura 31) Elástico



Disponível em <https://pt.dhgate.com/product/100yds-elastic-band-sewing-clothing-accessories/414172773.html>

(Figura 32) Máquina de costura Reta



Disponível em https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-803834272-maquina-de-costura-industrial-reta-yamata-nova-_JM?quantity=1

(Figura 33) Máquina de costura Overlok



Disponível em <https://apreferida.com/maquina-costura-industrial-overlock-siruba-737K-504M5-04-com-embutidor-de-corrente>

8.1.Fabricação

A fabricação do biquíni desenvolveu-se da seguinte forma: Primeiro, estendeu-se o tecido na mesa para tirar as devidas medidas com a fita métrica (Figura 34). Com o auxílio de um giz foram feitas as marcações que correspondem ao tamanho da peça desejada (Figura 35). Depois, cortou-se o tecido na forma dada (Figura 36). Em seguida, uniu-se as partes da peça na máquina Overlok, a qual tem a função de costurar e chulear para evitar desgastes no tecido (Figura 37). E por fim, na máquina reta foram feitas as costuras como pence, bainha e acabamentos (Figura 38).

(Figura 34) Fabricação do biquíni (parte 1)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 35) Faricação do biquíni (parte 2)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 36) Fabricação do biquíni (parte 3)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 37) Faricação do biquíni (parte 4)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 38) Faricação do biquíni (parte 5)



Fonte: Acervo da autora

9REALIZAÇÃO

A validação do biquíni consiste em testá-lo em uma usuária e fotografá-la durante a prática do surf. Ao final da atividade executada, será aplicado um questionário com relação a sua usabilidade.

Teste Aplicado

Para testar o nível de conforto e funcionalidade do biquíni, desenvolvemos um questionário pelo qual a usuária após o uso do produto responderá suas dificuldades, facilidades ou o que deveria mudar no biquíni.

Você teve alguma dificuldade para vestir o biquíni?

Você sentiu algum incômodo com o novo biquíni?

O biquíni se manteve ao corpo durante o surf?

Você se sentiu mais atraente com o biquíni?

Para que mais você usaria o biquini?

Resultado final

(Figura 39) Surfista com a nova proposta de biquíni (frente)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 40)Surfista com a nova proposta de biquíni (costa)



Fonte: Acervo da autora

(Figura 41) Experimentação do biquíni na praia



Fonte: Acervo da autora

(Figura 42) Experimentação do biquíni em alto mar



Fonte: Acervo da autora

Resultado final da pesquisa

Nesta etapa, finalmente pode-se concluir que o objetivo da pesquisa foi alcançado através da aplicação do questionário a seguir:

1. Você teve alguma dificuldade para vestir o biquíni?

A usuária afirmou que não obteve nenhuma dificuldade em vestir o biquíni, pois o mesmo lhe ofereceu independência.

2. Você sentiu algum incômodo com o novo biquíni?

A usuária enfatizou que o tecido é muito confortável e macio.

3. O biquíni se manteve ao corpo durante o surf?

Sim. O modelo do biquíni me forneceu segurança e se manteve aderente ao corpo, fazendo com que eu só me preocupasse com a mobilidade e desempenho no esporte.

4. Você se sentiu mais atraente com o biquíni?

Sim, ele é muito diferente dos que eu já vi no mercado.

5. Para que mais você usaria o biquíni?

Para caminhada, ir a uma festa na piscina ou até mesmo para fazer looks casuais.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica resgatou os antecedentes do surf, associado em suas origens à subsistência na cultura da pesca e expressão de lazer, bem como sua conseqüente conquista como competição esportiva, além de incorporar um novo elemento numa prática associada em suas origens à força masculina, a saber, a inclusão das mulheres surfistas. A partir desse novo conceito com, a conquista feminina do seu espaço tanto na praia quanto nas ondas, percebeu-se um mercado em expansão a ser sempre conquistado no tocante às vestimentas das praticantes de surf por lazer.

Contemplou-se também a questão da moda praia e sua evolução como componente da cultura, desde suas primeiras experiências, superando tabus e afirmando-se como expressão e comunicação, notadamente da figura feminina no contexto da praia como lugar por excelência dessa manifestação. Aí se encontrou, também, o lugar do produto contemplado neste projeto, visto que a cultura do surf está diretamente relacionada ao contexto praiano.

Associada à natureza teórica, os referenciais empíricos da pesquisa demonstraram a necessidade de um biquíni que se ajuste ao corpo das praticantes de surf por lazer, e que lhes possibilite conforto e segurança ao enfrentarem as ondas do mar, implicando, assim, em um estudo ergonômico fundamentado numa metodologia adequada à confecção de um produto que contemple uma variedade de biótipos possíveis.

Observou-se, também, nas entrevistas, que os modelos de biquíni à disposição das surfistas, geralmente, trazem insegurança e desconforto na prática do surf, e em muitas situações trazem embaraço para as praticantes quando as peças se soltam em contato com a força das ondas.

Diante disso, propôs-se a confecção de um top com o seguinte design: vestido com alças que liberam os braços para os movimentos de remadas, trazendo sustentação, segurança e aderência, evitando a nudez no momento de impacto com as ondas; a calcinha, por sua vez, produzida de cóis médio que adere bem ao corpo, evitando o deslizamento da peça no movimento do surf, com a parte traseira mais larga que as peças habituais, e a parte frontal mais cavada, valorizando o corpo feminino.

Demonstrou-se, enfim, nos testes realizados com a usuária do biquíni a ser oferecido que o seu diferencial proposto – aderência ao corpo, conforto e segurança para as surfistas – foi bastante satisfatório, sem causar dificuldades no vestir, e permitindo a mobilidade desejada pelas praticantes do surf por lazer, mostrando um cenário favorável ao consumo do produto.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/normas-tecnicas/normas-abnt>>. Acesso em 10 mai. 2019.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **A sociedade de consumo e a moda**. 2º Colóquio de Moda, 2007. Disponível em <<http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/edicoes/2-coloquio-de-moda-artigos.php>>. Acesso em 10 abr. 2019.
- CRUZ, Carolina Costa. **Institucionalização do surfe e a participação das mulheres (década de 1960)**. XV Encontro Regional de História. Ofício do historiador – ensino e pesquisa – Anais do XV encontro regional da ANPUH-RIO [pdf]. Disponível em: <<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais>>. Acesso em 15 abri. 2019.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **O surfe e a moderna tradição brasileira**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 257-286, outubro/dezembro de 2009. [pdf] Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view>>. Acesso em 15 abri. 2019.
- GUTENBERG, A. **A história do surf no Brasil. 50 anos de aventuras**. São Paulo: Editora Azul, 1989.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. *In*: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004 (p. 253-276). Disponível em: <[http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/Mulheres ao mar](http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/Mulheres%20ao%20mar)>. Acesso em 10 mar. 2019.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LOBACH, Bernd. **Industrial design**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.
- MARTINS, Estela Munhoz. **Beachwear adaptável: um estudo para diferentes corpos femininos**. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream>>. Acesso em 5 abri. 2019.
- MENDONÇA JUNIOR, Carlos Alberto de. **Surfe: uma análise pedagógica e uma proposta desportiva**. Monografia. Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/>>. Acesso em 30 abri. 2019.
- MENDONÇA, Bernardo Franck Furtado de. **Surf e sustentabilidade: a percepção do consumidor**. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em 02 dez. 2018.
- MENESES, Paula La Croix Maluf de. **Moda praia à brasileira: uma análise da Revista Vogue e do corpo descoberto**. Monografia. Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação. Brasília, 2017.

MONT'ALVÃO, Cláudia; DAMÁZIO, Vera (orgs.). **Design, ergonomia e emoção**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

PACCE, Lilian. **O biquínimade in Brazil**. São Paulo: Arte Ensaio, 2016.

PEREGRINO, Fernanda. **Moda surf: mercado em expansão**. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/moda-surfe-mercado-em-expansao/>>. Acesso em 30 nov. 2018.

PIGATTO, Rafaela Bertão. **Biquíni funcional para banho de mar**. Monografia. Faculdade de Design do Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2012.

SOUSA, Ana Maria Alves de. **“Evoluindo”:** **mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2003. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/handle/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

TEIXEIRA, Joanna Pitomba. **Esporte de Aventura e meio ambiente: tematizando esses conhecimentos na educação física**. Monografia. Faculdade Social da Bahia. Salvador, 2005.

VASCONCELOS, Fellipe Francisco Amorim e. **Da areia ao concreto: dimensões estéticas e funcionais da moda praia brasileira**. Monografia. Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes – Departamento de Relações Públicas e Turismo. São Paulo, 2017.